

# Suplemento Cultural

## FESTAS JUNINAS – UM CULTO FOLCLÓRICO ÀS TRADIÇÕES

GERALDO RAMON PEREIRA

As chamadas festas juninas, herdadas aos colonizadores portugueses, poderiam também ser denominadas festas joaninas, de vez que, em Portugal, o culto a São João é um dos mais antigos e populares. Entre nós, mais conhecidas por juninas – pois são alusivas aos santos do mês de junho – estas comemorações iniciam-se costumeiramente no dia 12, com os festejos da véspera de Santo Antônio, atingem seu auge na noite de 23 para 24, dia de São João, vindo a terminar em 29 de junho, dia de São Pedro.

Em chão brasileiro, com o surgimento das grandes cidades, o caráter folclórico das festas juninas foi aos poucos desaparecendo, mantendo-se,



IMAGEM: DICASWEB.NET  
**FOGUEIRAS, FOGOS, DANÇAS E IGUARIAS TÍPICAS** – tradição que ainda atrai principalmente crianças

porém, nas cidades menores e povoações mais interioranas. Tanto é assim que, no Nordeste, há muita afluência

popular às festanças de Campina Grande, João Pessoa e Santa Luzia do Sabugi (PB), além de algumas cidades pernambucanas e São Luís do Maranhão. Chega-se a realizar um festival de quadrilhas em Fortaleza (CE). No Sudeste, são comuns os festejos em Cabo Frio (RJ), na cidade do Rio de Janeiro e em Ubatuba (SP). Enfim, para citar mais exemplos regionais desta preservação folclórica, no nosso Centro-Oeste as festividades juninas são mais intensas nas regiões de Dourados e Corumbá, no tradicional rincão sul-mato-grossense.

Originariamente de cunho religioso, as festas juninas passaram ao folclore como uma preservação de costumes e hábitos do nosso caboclo, em que a figura do caipira é marcadamen-

te estereotipada. Daí os trajos típicos usados por meninos e meninas por ocasião das atuais festas juninas, principalmente nas escolas. Geralmente sob a orientação de professores uma fogueira é acesa, assa-se batata-doce, pipoca é estourada, bebe-se quentão, come-se pé de moleque e outras tantas guloseimas e iguarias, além da animadíssima dança da quadrilha no pátio ornamentado (antigo terreiro!) com bandeirolas multicores... Várias modalidades de jogos são realizadas entre risos e brincadeiras. Estouram-se bombinhas, busca-pés e rojões, que iluminam e aquecem as noites quase sempre frias do mês de junho.

...Eis que de repente, numa misteriosa comoção, alguém começa a sentir um sei quê de saudade... Saudade de outras festas juninas, de outros tempos, de outras pessoas, velhos amigos, parentes desaparecidos, um grande amor que se foi... E um balão de sonhos (não se deve soltar balões de verdade!), inflado de recordações, de vagas esperanças, de anseios sufocados – porém aceso com a chama

“

Introduzidas pelos colonizadores portugueses, sói que tais comemorações folclóricas sejam preservadas com seus tradicionais comes e bebes, danças, jogos e pirotecnias... Mas, demos um basta à soltura de balões!”

da vida – começa a subir... subir... no céu do seu ilusório destino... Destino que por certo um dia o fará pousar, resignada e mansamente, no jardim do Éden ou nos braços de Deus!

## FERNANDO MARSON – PINTOR E ESCULTOR

MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA

A obra de Fernando Marson transcende o tempo, porque se insere no espaço dos mitos reveladores de essências.

Em união com a natureza, vai buscar nas mais diversas regiões do planeta inspiração para telas, desenhos, esculturas com ferro e solda que expressam simbolicamente a união do autor com o universo em que se situa.

Artista pesquisador, divagou o olhar pelos elementos representativos de Mato Grosso do Sul para aprofundá-lo na figura do boi, ícone representativo da riqueza material, herói do trabalho cotidiano, símbolo de paciência milenar, que se deixa abater em favor daquele que o domina. Em suas telas, os bois se multiplicam numa dança de chifres e cabeças, de narinas que cheiram e repelem o mundo, de fisionomias que

buscam soluções para enigmas existenciais.

O vermelho, que tingem os quadros de sangue viscoso, suscita na mente do espectador desejos de libertação, de quebra de cadeias para escapar a correntes da opressão. São bois com olhos parados, que atravessam a tela para propor indagações que ferem fundo as consciências parcialmente adornadas. Bois humanos que anseiam por veredas de salvação.

A cor é o grande signo da obra de Marson. É ela que determina o movimento, a permanência nos caminhos da arte desses bois que se reproduzem em série de pequenas cabeças, como num retrato de família em que os elementos da mesma geração confundem-se uns com os outros na total perda da identidade pessoal.

As esculturas parecem à primeira vista brinquedos infantis. O guerreiro de elmo, espada, braços aparentemente abertos para a luta, revela na boca deformada, nos chifres pequeninos, o riso secreto de quem o criou, seu desdém pelas armas de guerra insignificantes diante das ondas

de violência dos dias atuais. Uma galinha de pernas atrofiadas, cabelos de aço, zomba da arrogância dos poderosos.

Aparentemente inúteis, esses pequenos ícones denominados por ele *objets trouvés* despertam na cabeça do espectador curiosas indagações sobre a existência da arte. À medida que penetramos na essência de cada um sentimos a integração entre arte e natureza, entre o artista e o espaço de onde retira suas ideias.

A maior inventividade de Marson reside na apropriação de material considerado perecível para transformá-lo em objetos dotados de qualidades que conferem ao espaço nova dimensão. A intimidade do artista com os tesouros escondidos em cada pedaço de madeira ou de ferro abandonado é um dos pontos altos de sua obra.

Sempre em dias com as novidades da informática e da eletrônica, Fernando Marson impregna suas produções de uma visão crítica do mundo, que dá novo sentido à arte de Mato Grosso do Sul e do Brasil.

## Amor

AUGUSTO CÉSAR PROENÇA

Essas quatro letras se unem e formam a mais bela palavra da língua portuguesa. Pena que está esquecida e afastada do pensamento, da atitude, do comportamento e da vida de muitas pessoas.

Não falo do amor que mata e destrói, mas daquele que vence barreiras e ama com certeza; que faz você abrir a porta e deixar entrar alguém que necessita da sua ajuda; que o coloca dentro de uma igreja para rezar e pedir a proteção de Deus; que espera um filho que há anos não vê; que o chama ao cemitério, todos os anos, para chorar diante do túmulo de um ente querido vitimado pelas balas da violência.

Falo do amor que a gente não define e que se eternizou nas peças de teatro, nos livros, nas músicas e nos filmes. Do amor que desapareceu das mesas de muitos lares, dos diálogos, dos relacionamentos e até dos nossos olhares.

Abro os jornais, assisto aos programas de TV e me estarreço quando vejo o triste e doloroso espetáculo de (des) amor: criaturas que matam sorrindo; que espancam o semelhante com pancadas incoerentes; que queimam, roubam, assaltam, aleijam irmãos

com balas propositais ou perdidas; gente que se fechou ao amor e parece permanecer nesse estado animalesco, nessa ferocidade instintiva e desumana.

Guerras, mortes, violências, pedófilos estupradores, gangues armadas até os dentes fazem parte desse macabro espetáculo de um mundo, enlouquecido pela falta de autoestima, onde as drogas, cada vez mais procuradas, afastam muitas consciências da morbidez de uma realidade sem perspectiva: o medo, o pavor e a angústia inexplicáveis de um futuro incerto. O que fazer? ... Como pedir proteção se os que nos protegem também estão contaminados por esse (des) amor?...

Acreditamos na força e na pureza do amor. Podem até rir dessa utopia, mas acreditamos na recuperação do ser humano e sabemos que amor não se aprende nos pátios dos reformatórios nem nas dependências das delegacias.

Nascemos com ele e o cultivamos como uma planta que tem de ser tratada para crescer e não se deixar contaminar pela barbárie que anda por aí. O amor nos chega de mansinho, sem pedir licença, com o calor de um olhar, com uma palavra, um suave sorriso de mãe, um afago vagaroso de pai. Vem da educação, da cultura, do conhecimento, da autoestima, sobretudo.

Não sou leitor de Paulo Coelho,

mas, outro dia, lendo “O Globo”, deparei-me com um artigo seu e li um trecho sobre uma criança que fora espancada pelos pais e teve de ser internada no Hospital de Base, de Brasília. Nesse hospital tinha uma enfermeira e sempre que ela chegava para ver a menina passava a mão na cabecinha dela e dizia: “Eu te amo!”.

A princípio a criança não escutava, não percebia o que a enfermeira lhe dizia, pois estava com o rosto todo inchado pelas pancadas dos pais. Mas a enfermeira continuou dizendo: “Eu te amo, não esqueça disso, eu te amo muito!”.

Três semanas depois, a menina havia recuperado os movimentos. Voltou a sorrir e a falar, para a surpresa dos médicos. Na quarta semana ela se levantou e começou a andar. Na quinta deixou o hospital.

Esse bonito trecho do artigo de Paulo Coelho, registrando o poder que as palavras têm quando proferidas com carinho, me faz lembrar de uma frase do Marquês de Maricá, que diz o seguinte: “Amemo-nos sobre tudo, e aos outros homens por amor de nós”.

Vamos fazer de cada um de nós algo que sirva para mudar esse quadro estereotipado. Deixar de lado o coração selvagem, o ódio, a fera enjaulada dentro de nós mesmos e cultivar o AMOR, o amor verdadeiro puro, sem limites, aquele que cura e transforma.

## GADO DE OSSO

ADAIR JOSÉ DE AGUIAR

Meu distinto confrade e colega de magistério Lins\*, cheguei a uma importante conclusão: estamos envelhecendo!

Quando as lembranças começam a invadir a nossa mente e a saudade povoa o nosso coração, é sinal de velhice.

Não é só o enrugamento da pele, nem a neve sobre os cabelos ou ainda a voz trêmula, as mãos inseguras, que atestam o passar da existência. Pois se achamos que o mundo mudou; que as pessoas têm outra conduta, que está tudo diferente do nosso tempo antigo, estamos realmente ferrados, envelhecemos! Ontem, chamarreando à sombra da casa, verifiquei que os meninos, continuam meninos, é verdade, mas não brincam mais como os guris do meu tempo. Nós (a não ser o futebol, que continua o mesmo) tínhamos outros brinquedos, como jogo de botão, pião, bilboquê, jogo de bolitas, soltar pandorga (pipa) e, lá na minha terra, o gado de osso.

Eu e meus amigos fazíamos verdadeiras tropeçadas, parávamos rodeio, marcação do gado e assim por diante. Éramos felizes e fomos garotos com verdadeira infância. Isso eu posso atestar.

A pobreza da família não me permitia quase, aos domingos, ir à matinê, como se dizia.

Mas quando ia, os filmes de faroeste eram os preferidos. Gary Cooper, Buck Jones, Tom Mix. Ou as comédias com O Gordo e o Magro, Boca Larga, Os Três Patetas...

## POESIAS

ACALANTO

É sempre no contra-argumento da solidão que vem a minha estrela... a mesma [a fiel estrela] com o mesmo incenso quase um contrassenso no meu ermo intenso...

e ela me diz em confiança que a noite é menor do que os seus mistérios e que a claridade que enleia os gorjeios da manhã é maior do que a insônia dos meus caprichos

firme o olhar...

e no firmamento dissolvo-me em nova canção de ninar

e novamente canto com a minha estrela...

RUBENIO MARCELO

AMARGA AVENTURA

Qual nômade que deixa o doce abrigo E enfrenta a fúria do tufão revel... Deixei meu lar e fui como um mendigo Buscar amor num leito de bordel!

Mulher banal, se eu convivi contigo, Se amante foste deste menestrel, Aceito o teu amor como um castigo Que transbordou meu coração de fel!

Ó natureza humana, miserável!... Abutre vil, que em pasto abominável Tenta aplacar a fome dos desejos...

Retalhando a virtude no monturo, Trocas a paz de um lar modesto e puro Pela ilusão de pestilentos beijos!...

RUBENS DE CASTRO